



Transferência: Dinâmicas e Paradoxos entre Motor e Resistência

Transference: Dynamics and Paradoxes Between Driving Force and Resistance

Cristiana Deluiz

Psicóloga e psicanalista. Doutoranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida.

Resumo: O estudo apresenta uma revisão teórico-conceitual da transferência em Freud e Lacan, com ênfase em sua função na constituição e na direção do tratamento psicanalítico. O objetivo é reconstruir a passagem do emprego freudiano inicial do termo, ligado ao deslocamento do desejo entre representações, à transferência clínica como atualização de protótipos inconscientes na relação com o analista. Examinam-se o caso Dora, a dinâmica das transferências positivas e negativas, a repetição, a elaboração e o amor de transferência. A análise mostra que a transferência possui estrutura paradoxal: cria as condições para que o material inconsciente se torne atual e operante, mas pode simultaneamente funcionar como resistência ao trabalho analítico. Em Lacan, essa duplicidade é reformulada a partir do sujeito suposto saber, da presença do analista e do desejo do analista. A transferência não se reduz a vínculo afetivo entre duas pessoas nem autoriza reciprocidade amorosa; ela institui uma posição na qual o analista é implicado como suporte de uma suposição de saber e como causa do trabalho do analisando. Conclui-se que o manejo transferencial exige sustentar a abstinência, interpretar sem totalizar o sentido e conduzir a experiência até a modificação da suposição de saber que a tornou possível.

Palavras-chave: transferência; resistência; repetição; sujeito suposto saber; manejo clínico

Abstract: This study presents a theoretical and conceptual review of transference in Freud and Lacan, emphasizing its function in the constitution and direction of psychoanalytic treatment. It reconstructs the passage from Freud's early use of the term, linked to the displacement of desire between representations, to clinical transference as the actualization of unconscious prototypes in the relationship with the analyst. The Dora case, the dynamics of positive and negative transference, repetition, working-through, and transference love are examined. The analysis shows that transference has a paradoxical structure: it creates the conditions for unconscious material to become present and operative, while simultaneously functioning as resistance to analytic work. In Lacan, this duplicity is reformulated through the subject supposed to know, the analyst's presence, and the analyst's desire. Transference cannot be reduced to an affective bond between two people and does not authorize amorous reciprocity; it establishes a position in which the analyst supports a supposition of knowledge and causes the analysand's work. The article concludes that handling transference requires maintaining abstinence, interpreting without totalizing meaning, and directing the experience toward a transformation of the supposition of knowledge that initially made it possible.

Keywords: transference; resistance; repetition; subject supposed to know; clinical handling

INTRODUÇÃO

A transferência é condição constitutiva da experiência psicanalítica. Ela não constitui um recurso acrescentado posteriormente à técnica, nem um sentimento accidental que surgiria entre analista e analisando. Designa a atualização, no campo do tratamento, de determinações inconscientes que encontram na pessoa e na função do analista um novo endereço. Por meio dela, desejos, fantasias, demandas, modos de satisfação e conflitos tornam-se atuais.

Essa definição inicial já contém um paradoxo. A transferência permite que o inconsciente se manifeste em ato e fornece à análise sua força de trabalho; ao mesmo tempo, pode impedir a associação, fixar o sujeito numa demanda amorosa ou hostil e colocar o analista no lugar de quem deveria satisfazer, rejeitar ou confirmar as expectativas transferenciais. Por isso, Freud (1976) a reconhece simultaneamente como instrumento e resistência.

Reconstruir o conceito exige distinguir diferentes empregos do termo na obra freudiana. Antes de designar de maneira sistemática o vínculo clínico, a transferência descreve o deslocamento de intensidade entre representações nos processos inconscientes. Posteriormente, passa a nomear reedições de protótipos infantis no tratamento e torna-se eixo da técnica. Em Lacan, a transferência é reformulada pela suposição de saber, sem ser reduzida à repetição de relações passadas.

Este estudo examina essa trajetória e seus efeitos para a direção clínica. A unidade de análise é a posição ocupada pela transferência no processo analítico; o critério de leitura é sua operação como atualização, resistência, repetição e suposição de saber. O percurso parte dos primeiros usos freudianos, aborda o caso Dora e os textos técnicos, discute o amor transferencial e introduz a releitura lacaniana, delimitando seus alcances e seus limites.

DOS DESLOCAMENTOS DO DESEJO À TRANSFERÊNCIA CLÍNICA

Na Interpretação dos sonhos, Freud (1976) utiliza o termo transferência para descrever a mobilidade da energia psíquica. Uma representação inconsciente, impedida de alcançar diretamente a consciência, transfere sua intensidade para representações menos intensamente investidas e capazes de atravessar a censura. O desejo aparece, portanto, de forma alusiva e deformada, por meio de substituições e elos intermediários.

Esse uso não se identifica imediatamente com a relação analítica. Ele circunscreve uma operação do processo primário: o conteúdo recalcado desloca-se, condensa-se e encontra formações substitutivas. A transferência, nesse sentido plural, participa da formação dos sonhos e de outras formações do inconsciente. Seu traço comum com a transferência clínica é a atualização indireta do desejo em um novo suporte.

Nos Estudos sobre a histeria, a transferência aparece no interior do tratamento como uma falsa ligação. Um afeto relativo a uma representação anterior liga-se à pessoa do médico porque esta ocupa, naquele momento, uma posição disponível na cadeia associativa. Não é correto afirmar que Freud (1976) defina aí a transferência como conversão do psíquico no corpo; a conversão designa outro mecanismo. A especificidade transferencial está na nova ligação estabelecida com o terapeuta.

O tratamento de Anna O. foi conduzido por Josef Breuer, não por Freud (1976). Sua relação intensa com a paciente participa da pré-história do problema, mas a narrativa posterior sobre esse vínculo não substitui a elaboração conceitual freudiana. O ponto metodológico decisivo é que o médico não permanece exterior ao campo que observa: sua presença pode ser incluída na formação e na atualização do material clínico.

Com o abandono da hipnose e da sugestão direta, essa inclusão torna-se incontornável. A associação livre depende de uma fala dirigida a alguém, e esse endereçamento mobiliza expectativas conscientes e inconscientes. A transferência não é criada pela psicanálise; ocorre também em relações médicas, pedagógicas e afetivas. A diferença é que o tratamento analítico a reconhece, delimita e transforma em objeto de trabalho.

O CASO DORA E A DESCOBERTA DA TRANSFERÊNCIA

No fragmento da análise de um caso de histeria, conhecido como caso Dora, Freud (1915) confronta-se com a materialidade clínica da transferência. A interrupção do tratamento leva-o a reconhecer retrospectivamente que não interpretou a tempo a transferência da paciente. Dora não apenas recordava relações anteriores: atualizava na análise posições e expectativas que incluíam Freud no arranjo de seu conflito.

Freud (1976) define então as transferências como novas edições ou reimpressões de impulsos e fantasias despertados durante o tratamento, nas quais uma pessoa anterior é substituída pela pessoa do médico. Algumas reedições modificam pouco seu conteúdo; outras sofrem transformações e tornam-se conscientes apoiando-se em particularidades reais do analista.

A lição do caso não consiste em atribuir o abandono exclusivamente a um erro técnico isolado. Ela mostra que a transferência pode agir antes de ser reconhecida e que o analista participa da cena sem dominar seus efeitos. A interpretação do conteúdo inconsciente não basta quando o próprio modo de endereçamento ao analista permanece fora do trabalho.

A posterior elaboração freudiana transforma esse impasse em avanço metodológico. Em vez de tratar a transferência como interferência pessoal a ser eliminada, Freud (1914/1976) passa a interrogá-la como via de atualização do conflito. O tratamento não acontece apesar da transferência, mas através dela. Isso não significa satisfazer suas demandas; significa tornar analisável a repetição que se organiza no vínculo.

A DINÂMICA: AMOR, HOSTILIDADE E RESISTÊNCIA

Na dinâmica da transferência, Freud (1913/1976) afirma que cada sujeito constitui, a partir de disposições inatas e experiências infantis, formas relativamente estáveis de conduzir a vida amorosa. Apenas uma parte desses impulsos alcança desenvolvimento consciente; outra permanece inconsciente ou afastada da realidade. Quando uma necessidade de amor não é plenamente satisfeita, o sujeito aproxima-se de novas pessoas com expectativas libidinais antecipadas.

A transferência para o analista é determinada tanto por representações conscientes quanto por protótipos inconscientes. Ela não é exclusiva da neurose nem da psicanálise. Sua intensidade no tratamento decorre da maneira como a situação analítica encontra as condições para que investimentos recalcados se atualizem. O analista é incluído numa série psíquica já constituída, embora elementos de sua presença real também possam oferecer pontos de apoio.

Freud (1912/1976) distingue transferência positiva e negativa. A positiva compreende sentimentos afetuosos e pode ser dividida entre uma parcela terna, admissível à consciência, e outra erótica, recalcada. A negativa inclui impulsos hostis. Não é rigoroso identificar simplesmente toda transferência positiva como favorável e toda negativa como obstáculo: a transferência positiva erotizada e a negativa podem servir à resistência, enquanto a parcela terna não erotizada sustenta a confiança necessária ao trabalho.

A resistência aparece de modo especialmente intenso quando a associação se aproxima de um núcleo recalcado. Nesse momento, o conflito pode ser deslocado para a relação atual: o analisando declara amor, desconfia, acusa, busca aprovação ou interrompe a fala. A transferência oferece então uma saída para não recordar, ao transformar em ação dirigida ao analista aquilo que não pode ser reconhecido como determinação inconsciente.

“É impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*” (Freud, 1912/1996, p. 119).

A formulação indica que o conflito precisa tornar-se atual para ser trabalhado. Os impulsos eróticos e hostis deixam de ser apenas reconstruções abstratas e manifestam-se no campo da análise. A transferência presta o serviço de tornar imediato o que estava esquecido, mas o preço dessa atualidade é o risco de que o sujeito aja, abandone o tratamento ou procure obter satisfação direta.

REPETIÇÃO, RECORDAÇÃO E ELABORAÇÃO

Ao recordar, repetir e elaborar, Freud (1914/1976) mostra que o analisando frequentemente não recorda o recalcado como acontecimento passado; ele o repete sem saber que repete. Em vez de narrar determinada posição, atualiza-a na transferência. A repetição pode aparecer em silêncios, atrasos, rupturas, submissão, desafio, exigências de amor ou modos de fracassar diante do tratamento.

O que se repete não é uma cena conservada intacta nem uma cópia fiel do passado. Repetem-se posições, relações e formas de satisfação submetidas ao trabalho do recalque e às condições presentes. A transferência é uma atualização e, por isso, contém diferença. O analista não deve reduzir cada gesto a uma equivalência biográfica simples, como se pudesse traduzir imediatamente a figura atual por uma personagem infantil.

Freud (1914/1976) propõe transformar a compulsão à repetição em motivo para recordar. Isso não se realiza por uma explicação única. A elaboração exige tempo, retomadas e trabalho sobre as resistências. Comunicar ao analisando que ele repete algo não dissolve automaticamente a repetição; é necessário que seus efeitos sejam atravessados no processo e associados a outras formações.

A neurose de transferência designa a reorganização dos sintomas em torno da relação analítica. Os conflitos convergem para esse campo intermediário entre doença e vida, adquirindo uma forma acessível à intervenção. Seu estabelecimento pode concentrar o trabalho, mas não constitui um fim em si. A direção do tratamento visa desmontar as condições que sustentam a repetição, não perpetuar a dependência em relação ao analista.

Recordar, repetir e elaborar não são etapas lineares nem correspondem simplesmente à passagem de um movimento inconsciente para outro consciente. A recordação pode produzir novas repetições; a repetição pode abrir uma via de lembrança; a elaboração modifica a relação do sujeito com aquilo que retorna. O trabalho analítico inclui a dimensão afetiva sem converter o afeto em prova transparente da verdade.

O AMOR DE TRANSFERÊNCIA E A ÉTICA DO MANEJO

Em Observações sobre o amor de transferência, Freud (1915/1976) aborda a situação em que o analisando declara apaixonar-se pelo analista. Ele insiste que esse amor é verdadeiro em sua realidade psíquica e, ao mesmo tempo, determinado pela situação transferencial. Chamá-lo de transferência não o torna falso; indica que sua forma, intensidade e função dependem de protótipos e resistências atualizados no tratamento.

O analista encontra-se diante de um impasse ético. Corresponder ao amor transforma a análise em relação amorosa e utiliza a transferência para satisfação própria. Rejeitá-lo de modo moralizante ou brutal pode intensificar a resistência e repetir experiências de humilhação. Freud (1915/1976) recomenda sustentar a abstinência: não satisfazer a demanda e não extingui-la prematuramente, mantendo sua força disponível ao trabalho analítico.

“As dificuldades verdadeiramente sérias do trabalho analítico residem no manejo da transferência” (Freud, 1915/1996, p. 177).

Abstinência não significa frieza, silêncio automático ou privação deliberada. Trata-se de impedir que o tratamento ofereça substitutos satisfatórios para aquilo que precisa ser elaborado. O analista deve reconhecer os efeitos de sua presença,

manter limites e evitar usar a assimetria transferencial para obter amor, admiração, dependência ou obediência.

A transferência erótica não deve ser confundida com toda transferência positiva. Ela ganha intensidade, exige satisfação e pode paralisar a associação. Seu manejo não consiste em demonstrar ao analisando que nada sente de verdadeiro, mas em investigar a função do amor no momento do tratamento: o que ele interrompe, a que demanda responde, qual saber recusa e que posição oferece ao analista.

A ética do manejo inclui também a transferência negativa. Hostilidade, desconfiança e decepção não são meros comportamentos inadequados a serem corrigidos. Podem indicar a atualização de conflitos e oferecer acesso a material que a submissão afetuosa mantinha encoberto. Interpretá-las exige distinguir a repetição transferencial dos efeitos reais de erros, invasões ou falhas do próprio analista.

A TRANSFERÊNCIA EM LACAN

Lacan retoma a descoberta freudiana e recusa conceber a análise como relação entre dois indivíduos simétricos, cada qual portador de um inconsciente que interagiria com o outro. A transferência possui uma estrutura discursiva. O analista é incluído no campo do sujeito e ocupa uma função que não se reduz a suas características pessoais nem a uma reciprocidade intersubjetiva.

No Seminário 8, Lacan examina o amor de transferência por meio da relação entre amante e amado: aquele que ama supõe no outro algo que lhe falta, enquanto o amado não sabe necessariamente o que possui. O amor articula falta e suposição, mas não oferece complementaridade. Na experiência analítica, o analisando dirige ao analista uma demanda cujo objeto não pode ser simplesmente fornecido.

No Seminário 11, a transferência é formalizada pela instalação do sujeito suposto saber. Quando o analisando supõe que há saber sobre a causa de seu sofrimento e endereça sua fala a esse lugar, a transferência se estabelece. O saber não pertence à pessoa do analista como conhecimento acumulado; é uma função atribuída pela própria estrutura do endereçamento e vinculada aos significantes do sujeito.

Essa suposição cria as condições para a associação, mas também pode fechar o inconsciente. O amor de transferência demanda que o analista responda como aquele que sabe e possui o objeto capaz de completar o sujeito. Se o analista se identifica com essa posição, reforça a alienação. Seu trabalho consiste em sustentar a suposição sem apropriar-se dela, favorecendo a produção do saber inconsciente pelo analisando.

A afirmação de que a transferência é a atualização da realidade do inconsciente não elimina a repetição, mas impede sua redução a simples reprodução do passado. O que se atualiza inclui a realidade sexual do inconsciente e a relação com a falta. A

presença do analista participa das operações de abertura e fechamento pelas quais o inconsciente se manifesta e se retrai.

O desejo do analista nomeia a função que impede o tratamento de ser dirigido pelos ideais, demandas e satisfações pessoais do profissional. Não é o desejo empírico do analista nem o desejo de curar a qualquer preço. Trata-se de uma orientação que mantém aberta a diferença e não oferece ao analisando uma identificação como resposta final.

PARADOXOS E DIREÇÃO DO TRATAMENTO

A transferência é necessária e deve ser atravessada; sustenta a fala e pode interrompê-la; atualiza o inconsciente e oferece resistência a ele. Esses enunciados não constituem contradições a eliminar, mas descrevem a operação do conceito. A mesma estrutura que torna o analista destinatário do saber inconsciente permite que ele seja colocado como objeto de amor, ódio, autoridade ou decepção.

O manejo não consiste em controlar afetos nem em aplicar uma técnica padronizada. Exige localizar onde a transferência surge, que função ocupa, o que impede e o que torna possível. Uma intervenção pode interpretar o endereçamento, pontuar uma repetição, produzir um corte ou manter silêncio. Seu valor depende do momento e dos efeitos na cadeia associativa, não de uma regra abstrata sobre falar ou calar.

Também é necessário distinguir transferência e contratransferência. Freud (1912/1976) reconhece que os complexos do analista podem interferir na escuta e exige que sejam trabalhados. Em Lacan (1985), a orientação pelo desejo do analista evita tomar os sentimentos pessoais do profissional como bússola principal. Reações afetivas podem ser consideradas, mas não devem ser automaticamente convertidas em verdade sobre o analisando.

O fim da análise não corresponde à ausência de qualquer afeto pelo analista. Implica uma modificação da posição transferencial e da suposição de saber. O saber deixa de ser esperado como propriedade do Outro e pode ser reconhecido em sua produção singular e em seus limites. A destituição do analista dessa função não apaga a experiência; altera o modo como o sujeito se relaciona com a causa de seu desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão mostrou que o conceito de transferência se constitui progressivamente na obra freudiana. Dos deslocamentos de intensidade entre representações à atualização clínica de protótipos inconscientes, Freud (1912/1914/1976) transforma um obstáculo em operador fundamental da técnica. O caso Dora evidencia que interpretar conteúdo sem reconhecer o endereçamento transferencial pode deixar intacta a repetição que conduz o tratamento.

Transferências positivas, negativas e eróticas não formam categorias morais. Sua função depende do modo como sustentam ou resistem ao trabalho. A transferência torna os conflitos atuais e permite elaborá-los, mas pode converter a lembrança em atuação e a análise em demanda de satisfação. Por isso, a abstinência e o manejo constituem exigências éticas, não simples recomendações de neutralidade pessoal.

Lacan (1985) reformula o problema ao situar a transferência na suposição de saber e na presença do analista. O analista não é parceiro simétrico nem proprietário do saber inconsciente. Sustenta uma função a partir da qual o sujeito pode produzir seus significantes, encontrar a dimensão de repetição de sua demanda e modificar sua relação com o desejo.

A transferência permanece, assim, motor e resistência. Seu manejo não busca suprimi-la nem satisfazê-la, mas conduzir o trabalho que ela torna possível até a transformação de suas próprias condições. A direção analítica exige que o profissional responda por sua posição, não totalize o sentido e não utilize o amor ou a hostilidade transferenciais para confirmar seu poder.

REFERÊNCIAS

BARATTO, G. **Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud.**

Estilos da Clínica, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 228-247, 2010. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v15i1p228-247. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46088>. Acesso em: 1 dez. 2023.

BARTOLOMEI, Lúvia Tonelli; FULGENCIO, Leopoldo. **Notas para a compreensão do conceito de transferência na psicanálise de Sigmund Freud.** Anais do XIII

Encontro de Iniciação Científica da Puc-Campinas. Disponível em: < [Http://Www.Puc-Campinas. Edu.Br/Pesquisa/lc/Pic2008/Resumos/Resumo/% 7bda56321a-43ed-44b5-A5bc-88d8d4ad5fa4% 7d. Pdf](http://www.puc-campinas.edu.br/Pesquisa/lc/Pic2008/Resumos/Resumo/%7bda56321a-43ed-44b5-A5bc-88d8d4ad5fa4%7d.Pdf)>. Acesso a, v. 2, 2008.

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência [1912].** In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12, p. 129-143.

FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise [1912].** In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12, p. 145-159.

FREUD, Sigmund. **Sobre o início do tratamento: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I [1913].** In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12, p. 161-187.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II [1914].** In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12, p. 193-203.

FREUD, Sigmund. **Observações sobre o amor transferencial: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III [1915]**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12, p. 205-223.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXVII: transferência [1916-1917]**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16, p. 503-521.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXVIII: terapia analítica [1916-1917]**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16, p. 523-539.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer [1920]**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p. 11-179.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id [1923]**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 11-83.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXXIV: explicações, aplicações e orientações [1933 (1932)]**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, p. 167-191.

FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável [1937]**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 23, p. 239-287.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MOREIRA, Fernanda Barros. **A transferência na relação analítica: um retorno a Freud e Ferenczi**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 39, n. 1, p. 85-94, 2018.

PLON, Michel. ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SANTOS, Manoel Antônio dos. **A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana**. Temas em psicologia, v. 2, n. 2, p. 13-27, 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 30 nov. 2023.